

**\* Roberto Rodrigues**

A “dureza” econômica de 2014, com o triste resultado do PIB e a queda dos preços das principais commodities exportadas pelo Brasil, acabou afetando o valor das ações de empresas negociadas pela BM&F/BOVESPA. O índice anual delas caiu 2,91% no ano. Para esta queda contribuiu bastante a desvalorização de papéis de empresas como a Petrobras e a Eletrobrás por razões conhecidas.

E as empresas do agronegócio listadas na Bolsa tiveram queda bastante acentuada.

A redução do valor em dólar da soja, algodão, milho, por exemplo, levou para baixo as ações das principais companhias agrícolas que lidam com estes produtos. A que mais sofreu foi a Vanguarda, cujas ações caíram 67,5%, embora tenha ainda grande solidez. Uma poderosa empresa, a SLC, exemplo de gestão e tecnologia, perdeu 30% do valor de suas ações, enquanto a BrasilAgro amargou uma perda menor, de 3,81%.

Outro fator pesou nesta área, a seca que se abateu sobre as regiões sul e sudeste no período da safra passada. Queda de preço somada a queda de produtividade tira mesmo o folego de qualquer um.

A cadeia produtiva sucroenergética foi duramente afetada tanto pela seca (a produção do centro-sul caiu mais de 5% em relação ao ano anterior), quanto pela política governamental de segurar a inflação contendo o preço da gasolina. Isto produziu desequilíbrio na relação etanol/gasolina em desfavor do primeiro. E para piorar, houve também, queda do preço do açúcar no mercado externo. Resultado: a única empresa listada do setor cujas ações valorizaram foi a São Martinho, com um aumento de 33,3%, espetacular diante da situação do mercado. Já a gigantesca COSAN perdeu 12,6% no valor de suas ações, embora siga também muito sólida, ampliando sua participação em outros setores além do sucroenergético, em logística, infraestrutura e distribuição de combustíveis e energia.

A Biosev da fortíssima trading Dreyfus também amargou perdas: suas ações caíram 26,2%, bem como as da Tereos, uma importante cooperativa francesa, com menos 41%. Boa parte destas perdas é reflexo da visão do mercado após a reeleição da Presidente Dilma Roussef, cuja gestão realmente prejudicou o setor.

Até as empresas de bebidas sofreram (Ambev perdeu 2,3%), bem como as de fumo (Souza Cruz, com 13,4%) e a Duratex (com menos 27,5%), do setor madeireiro.

É claro que estas quedas todas afetaram os valores das ações de fabricantes de insumos como aconteceu com a eficiente Heringer, com queda de 22,5% no ano. Outras empresas de fertilizantes e defensivos não estão listadas na nossa Bolsa, e sim nas das suas matrizes.

O lado positivo ficou com as carnes. O aumento dos preços permitiu que as exportações de carnes rendessem quase 17 bilhões de dólares em 2014, 3,72% a mais que no ano anterior. Com isso, quase todas as empresas ligadas a carnes

tiveram ações valorizadas: a campeã foi a Marfrig com valorização de 58,4%, seguida da BRF, com 30,7% e da JBS, com 31,06%. O único frigorífico com perdas foi o Minerva, cujas ações caíram 12% em função de fortes investimentos realizados pela empresa, cujos resultados surgirão a partir deste ano. Aliás, este setor continuará crescendo: só a China deve aumentar o consumo per capita de carne em 9,5 quilos por ano até 2023!

Também as empresas de papel e celulose tiveram um ganho médio de 16,5% em seus papéis.

Em resumo, 2014 não foi mesmo um ano brilhante para as nossas empresas listadas, mas isso vai melhorar em 2015. O setor sucroenergético será beneficiado com a volta da CIDE e com o aumento da mistura do etanol na gasolina, os grãos já estão ajustados, assim como os insumos.

Uma boa notícia: o único IPO realizado no Brasil em 2014 foi de uma empresa de saúde animal, a Ouro Fino, com sede em Cravinhos-SP. Realizado em 20 de outubro, suas ações foram cotadas na data em 27,65 reais cada, e em 30 de dezembro já valiam 30,68 reais, valorizando 10%, um bom sinal dado por uma boa empresa.

**\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas e Presidente da Academia Nacional de Agricultura (SNA)**